SARAH J. MAAS

Número um do *New York Times*

Aço & Chamas

Uma novela do universo de Corte de Espinhos e Rosas



VISIT…

LANZAROTE Caliente.com

SARAH J. MAAS

Número um do *New York Times*

Aço & Chamas

Uma novela do universo de Corte de Espinhos e Rosas



SARAH J. MAAS

Número um do *New York Times*

Aço & Chamas

Uma novela do universo de Corte de Espinhos e Rosas



livro digitalizado por editora velaris
tradução feita por acotar brasil

CAPÍTULO UM

NESTA

A água negra em seus sapatos estava congelando.

Não a mordida do frio do inverno, ou mesmo a queimadura de gelo sólido, mas algo mais frio. Mais profundo.

Foi o frio das lacunas entre as estrelas, o frio de um mundo antes da luz.

O frio do inferno, verdadeiro inferno, ela percebeu, enquanto ela resistia e chutava contra as mãos fortes tentando empurrá-la naquele Caldeirão.

Verdadeiro inferno, porque aquela era Elain deitada no chão, o macho ruivo de um olho só pairando sobre ela. Porque aquelas eram orelhas pontudas que passavam pelo cabelo castanho-dourado encharcado, e aquele era um brilho imortal que repousava sobre a bela pele de Elain.

Verdadeiro inferno, pior do que as profundezas escuras que esperavam a poucos centímetros dos seus dedos dos pés.

Coloque-a dentro, o rei de rosto severo ordenou.

E o som daquela voz, o macho que fez isso com Elain…

Ela sabia que estava indo para o Caldeirão. Sabia que ela perderia essa luta.

Sabia que ninguém estava vindo para salvá-la, não a Feyre soluçando, não o ex-amante amordaçado dela, nem seu novo parceiro. Não Cassian, quebrado e sangrando no chão, ainda tentando se erguer com os braços trêmulos.

O rei — ele fizera isso. Com Elain. Com Cassian.

E com ela.

A água gelada mordeu as solas dos pés dela.

Era uma mordida de veneno, uma mordida de uma morte tão permanente que cada centímetro dela rugiu em desafio.

Ela estava entrando, mas ela não iria suavemente. Ela não iria se curvar para este rei Feérico.

A água agarrou seus tornozelos com mãos fantasmas, puxando-a para baixo.

Então ela se contorceu, soltando o braço do guarda que o segurava.

E então ela apontou.

Um dedo… Para o rei.

Fundo fundo fundo para a água que queria puxá-la.

Mas Nesta Archeron ainda apontava para o rei de Hybern.

Uma promessa de morte. Um alvo marcado.

As mãos a empurraram para as garras da água que aguardavam.

E Nesta Archeron riu do medo que rastejou nos olhos do rei. Pouco antes que a água a devorasse inteira.

No início.

E no final.

Houve Escuridão.

E nada mais.
Ela não sentiu o frio quando afundou em um mar de negrume que não tinha fundo, sem horizonte, sem superfície.
Mas ela sentiu a queimação quando começou.
A imortalidade não era uma juventude serena.
Era fogo.
Era minério derretido derramado em suas veias, fervendo seu sangue humano até que não fosse nada além de vapor, forjando seus ossos frágeis em aço fresco.
Quando ela abriu a boca para gritar, quando a dor a despedaçou muito forte, não havia som. Não havia nada aqui, neste lugar, apenas escuridão e agonia e poder.
Não gentilmente.
Ela não tomaria isso gentilmente.
Ela não os deixaria fazer isso. Com ela, com Elain.
Ela não se curvaria nem se renderia nem se rastejaria.
Eles pagariam. Todos eles.
Começando com esse lugar, essa coisa.
Começando agora.
Ela rasgou a escuridão com *garras*, garras e dentes. Tomou e cravou e rasgou.
A eternidade sombria ao seu redor estremeceu. Surpresa. Debatendo-se.
Ela riu enquanto aquilo tentava recuar. Riu com a boca cheia de poder bruto.
Ela arrancou da escuridão ao seu redor e engoliu inteira; rindo.
Com punhos de eternidade ela empurrou em seu coração, suas veias.
O Caldeirão lutava como um pássaro sob a pata de um gato. Ela se recusou a ceder seu aperto.
Tudo o que havia roubado dela, de Elain, ela tiraria disso. De Hybern
Então ela fez.
Na eternidade negra, Nesta e o Caldeirão entrelaçaram-se e caíram, queimando através da escuridão como uma estrela recém-nascida.

CAPÍTULO DOIS

CASSIAN

Cassian levantou o punho para a porta pintada de verde no corredor escuro – e hesitou.

Ele havia cortado mais inimigos do que ele poderia contar ou lembrar, ficou de pé com os joelhos soterrados em um campo de matança e mantido-se em movimento, fez escolhas que custou-lhe a vida de bons guerreiros, tinha sido um general e um assassino, e ainda assim aqui estava ele, abaixando o punho. Resmungando.

O prédio no lado norte do Sidra precisava de uma nova pintura. E novos pisos, se os rangidos das tábuas debaixo de suas botas eram qualquer indicação de como ele subiu os dois vôos. Mas pelo menos estava limpo. Ainda era sombrio para os padrões de Velaris, mas quando a cidade em si não possuía favelas, isso não dizia muito. Ele viu e morou em muito pior.

Mas isso não explicava bem por que ela estava hospedada aqui. Havia insistido em viver aqui, quando a casa da cidade estava vazia devido à conclusão da Propriedade do Rio. Ele podia entender por que ela não se incomodava em ocupar quartos na Casa do Vento – era muito longe da cidade, e ela não podia voar.

Mas Feyre e Rhys haviam lhe dado um salário. O mesmo salário generoso que eles lhe pagavam, assim como a todos os membros do seu círculo. Então, Cassian sabia que ela podia pagar por algo muito, *muito* melhor.

Ele franziu a testa para a pintura descascada na porta verde diante dele. Nenhum som surgiu através do espaço considerável entre a porta e o chão; nenhum aroma fresco se instalou no corredor. Talvez ele tivesse sorte e ela estava fora. Talvez ela ainda estivesse dormindo sob o teto de qualquer Salão de Prazeres que ela freqüentou em noites passadas.

Embora talvez isso fosse pior, já que ele teria que rastreia-lá até lá também.

E uma cena pública…

Ele ergueu o punho novamente, o vermelho de seu Sifão piscando nas esferas antigas de luz feérica no teto.

Covarde. Cresça algumas malditas bolas e faça o seu trabalho.

Cassian bateu.

Uma vez. Duas vezes.

Silêncio.

Cassian quase suspirou. Agradecendo a mãe antes que passos cortados e precisos batessem em sua direção do outro lado da porta. Cada um mais irritado do que o anterior.

Ele encolheu as asas, apertando os ombros enquanto ele posicionava os pés um pouco mais distantes.

Ela tinha quatro fechaduras em sua porta, e o estalo de quando ela destravou cada uma delas poderia muito bem ter sido o bater de um tambor de guerra.

Ele percorreu a lista de coisas que ele ia dizer, como Feyre sugeriu que ele as dissesse, mas…
A porta se abriu, a maçaneta girando com tanta força que Cassian se perguntou se ela estava imaginando que era o pescoço dele.
Nesta Archeron já estava franzindo a testa.
Mas lá estava ela. E ela parecia um inferno.
— O que você quer?— Ela não abriu a porta mais do que o comprimento de uma mão.
Quando diabos ele a viu pela última vez? A festa de fim de verão naquela barcaça a Sidra no mês passado? Ela não parecia tão ruim assim. Embora passar uma noite tentando afogar a si mesma em álcool nunca deixou alguém com uma aparência particularmente boa na manhã seguinte.
Especialmente quando…
— São sete da manhã —, ela sussurrou, olhando para ele com aqueles olhos de tom azul-acinzentado. Olhar que normalmente estava acendendo seu temperamento. — Volte mais tarde.
De fato, ela estava com uma camisa masculina. Aquilo definitivamente não pertencia a ela.
Ele apoiou a mão no batente e deu a ela um sorriso preguiçoso que ele sabia despertar o melhor dela.
— Noite difícil?— *Ano difícil*, ele quase disse. Porque aquele lindo rosto ainda estava pálido, mais magro do que antes da guerra, seus lábios sem sangue, e aqueles olhos… frios e afiados, como uma manhã de inverno. Sem alegria, sem risadas, em qualquer plano daquele rosto requintado.
— Volte à tarde —, disse ela, fechando a porta em sua mão.
Cassian empurrou um pé antes que ela pudesse quebrar seus dedos. Suas narinas dilataram ligeiramente.
— Feyre quer você na casa.
Qual delas? perguntou Nesta categoricamente, franzindo a testa para o pé que ele havia colocado lá. *Ela tem três, afinal de contas.*
Ele reprimiu a resposta e as perguntas. Este não foi o campo de batalha selecionado, e ela não era um adversário. Não, seu trabalho era apenas para levá-la ao local designado.
E então rezar para que a linda casa na ribeira que Feyre e Rhys haviam acabado de se mudar não fosse reduzida a entulho.
— Ela está na nova casa.
— Por que ela não veio me buscar sozinha? — Ele conhecia aquele brilho suspeito nos olhos dela, o ligeiro endurecimento nas costas. Tinha seus próprios instintos surgindo para enfrenta-los, para empurrar e empurrar e ver o que poderia acontecer.
— Porque ela é a Grã-Senhora da Corte Noturna, e ela está ocupada governando o território.
Bem. Talvez eles tivessem uma discussão aqui e agora. Um bom prelúdio para a batalha pela frente.

Nesta inclinou a cabeça, o cabelo castanho-dourado deslizando sobre o ombro magro demais. Em qualquer outra pessoa, o movimento teria sido contemplativo. Nela, era um predador avaliando a presa.

— E minha irmã —, disse ela naquela voz vazia que se recusava a dar qualquer sinal de emoção, — considerou que encontrá-la agora era necessário?

— Ela sabia que você provavelmente precisaria se limpar, e queria que você obtivesse um tempo para isso antes. Você esta esperada para as onze.

Ele esperou pela explosão enquanto ela absorvia as palavras, fazia as contas.

Suas pupilas chamejaram.

— Eu pareço precisar de quatro horas para me tornar apresentável?

Ele aceitou o convite para examiná-la: pernas longas e nuas, quadris elegantes, cintura afilada – mais uma vez, magra demais – e seios fartos e convidativos.

Estranho com os ângulos afiados de seus ossos. Em qualquer outra mulher, ele poderia ter achado a combinação de dar água na boca. Poderia ter começado a cortejá-la no momento em que ele a conheceu.

Mas a partir do momento que ele conheceu Nesta, o fogo frio em seus olhos cinza-azulados havia sido uma tentação de um tipo diferente. E agora que ela era grã feérica, essa dominância inerente, a agressão – e essa atitude de… Houve uma razão pela qual ele a evitou o máximo possível. Mesmo depois da guerra, as coisas ainda estavam muito voláteis, tanto dentro das fronteiras da Corte Noturna quanto no mundo além. E a fêmea diante dele sempre o fazia sentir como se estivesse de pé em areia movediça.

Cassian disse finalmente:

— Você parece precisar de umas grandes refeições, um banho, e de algumas roupas limpas.

Ela revirou os olhos, mas tocou a camisa que usava.

Cassian acrescentou:

— Onze horas. Chute o merda para fora daqui, lave-se, e eu mesmo trarei o café da manhã para você.

Suas sobrancelhas se levantaram ligeiramente.

Ele deu-lhe um meio sorriso. — Você acha que não consigo ouvir o macho no seu quarto, tentando vestir suas roupas e sair pela janela?

Como se em resposta, um baque surdo veio do quarto. Nesta sibilou.

Cassian disse:

— Volto em uma hora para ver como as coisas estão indo. — colocou provocação suficiente por trás de suas palavras de modo que até seus soldados saberiam que era para não enfrenta-lo, e que ele usava sete sifões por uma boa razão. Mas Nesta não voou em suas legiões, não treinou sob seu comando, e certamente não parecia incomodar-se em lembrar que ele tinha quinhentos anos.

— Não se incomode. Eu estarei lá a tempo.

Ele impediu a porta, as asas queimando um pouco enquanto ele recuava

alguns passos e sorriu daquele jeito que ele sabia fazê-la ver vermelho. — Isso não é o que me pediram para fazer.

Seu rosto realmente se contorceu. — Vá se empoleirar em uma chaminé.

Ele esboçou um sorriso, não se atrevendo a tirar os olhos dela. Ela emergiu daquele Caldeirão com *presentes*. Presentes consideráveis e sombrios. E embora ela não tivesse usado eles, ou mesmo explicado a Feyre ou Amren o que eles eram, ou até mesmo mostrado um pouco deles no ano desde a guerra… ele sabia melhor do que se fazer vulnerável a outro predador. — Você quer o seu chá com leite ou limão?

Ela bateu a porta na cara dele.

Em seguida, trancou cada uma dessas quatro trancas. Lentamente. Alto.

Assobiando para si mesmo, imaginando se aquele pobre coitado dentro do apartamento iria de fato fugir pela janela – principalmente para fugir dela – Cassian desceu o corredor escuro, e foi achar alguma comida.

Ele precisaria disso hoje também – especialmente quando Nesta descobrisse precisamente por que ela havia sido convocada pela irmã.

CAPÍTULO TRÊS

NESTA

Nesta Archeron não sabia o nome do macho.

Ela revirou a memória encharcada de vinho enquanto caminhava para o quarto, esquivando-se de colunas de livros e pilhas de roupas, relembrando os olhares na taverna, a reunião inicial molhada e quente de suas bocas, o suor cobrindo-a enquanto ela o montava até que prazer e bebida a enviassem para o esquecimento, mas… não o nome.

O macho já estava na janela, e sem dúvida Cassian espreitava na rua abaixo para testemunhar esta saída espetacularmente patética, quando Nesta alcançou o quarto escuro e apertado. Os lençóis no colchão de bronze estavam amarrotados, meio derramados no chão de madeira rangente, e a janela rachada já estava aberta quando o macho virou-se para ela.

Bonito, da maneira que a maioria dos machos feéricos eram. Um pouco mais magro do que ela gostava entre eles – praticamente um menino em comparação com a enorme massa muscular que espreitava do lado de fora da porta dela. Ele estremeceu quando ela se aproximou e deu uma olhada na blusa dela. — Eu… Isso é…

Nesta alcançou sua cabeça e puxou sua camisa, deixando nada além de pele em seu rastro. Seus olhos se arregalaram, mas o cheiro de seu medo permaneceu – não dela, mas de quem ele tinha ouvido na porta da frente. Quando ele se lembrou de quem ela era, tanto na corte quanto para Cassian. Ela jogou a camisa branca para ele.

— Você pode usar porta da frente agora.

Ele engoliu, jogando a camisa sobre a cabeça.

— Eu… ele ainda está… — Ela manteve-se abraçada aos seus seios, a manhã fria atingindo sua pele nua. O ápice de suas coxas.

— Adeus —, disse Nesta, caminhando para o banheiro enferrujado e gotejante anexado ao seu quarto. Pelo menos o lugar tinha água corrente quente.

As vezes.

Feyre e os outros tentaram convencê-la a se mudar mais vezes do que ela poderia contar. Em cada vez, ela ignorou.

Elain foi alegremente acolhida na nova propriedade da ribeira, e passou a planejar a primavera e o verão para cuidar de seus jardins espetaculares – tudo isso evitando seu parceiro, mas Nesta… Ela era imortal, ela era linda, e ela não tinha intenção de começar uma eternidade de trabalho para essas pessoas em qualquer momento próximo. Não antes que ela conseguisse aproveitar tudo o que o mundo Feérico tinha a oferecer.

Ela não tinha dúvida que Feyre planejava uma bronca em sua pequena reunião de hoje.

Afinal de contas, Nesta tinha passado o cheque ultrajante no Salão de

Prazeres da noite passada para conta da irmã dela. Mas nem Feyre ou seu parceiro fariam qualquer coisa sobre isso além de ameaças ociosas.

Nesta bufou, girando a antiga torneira do banheiro. Gemeu, o metal gelado ao toque, e a água cuspiu – depois borrifou na banheira rachada e manchada.

Este era o lugar dela. Sem empregados, sem olhos monitorando e julgando cada movimento, nenhuma companhia além de… além do guerreiro intrometido atrapalhando seus negócios.

Levou cinco minutos para a água aquecer o suficiente para encher a banheira. E entrar naquilo era a maior conquista que ela conseguiu no ano passado. Começou com vontade, obrigando-se a colocar-se em pé.

Então, de cada vez, indo um pouco mais longe. Até que ela fosse capaz de ficar sentada totalmente submersa na banheira, sem que seu coração trovejasse. Levou meses para chegar tão longe.

Hoje, pelo menos, ela deslizou na água quente com pouca hesitação. Quando ela terminou de lavar o suor e outros restos da noite passada, um olhar no quarto revelou que o macho havia escolhido a janela.

O sexo não foi ruim. Ela teve melhor, mas também teve muito pior.

A imortalidade ainda não era suficiente para ensinar a alguns homens a arte do quarto.

Então ela aprendeu sozinha. Começando com o primeiro macho que ela trouxe aqui, e que não tinha nenhuma ideia de que sua virgindade estava intacta até que ele viu o sangue salpicado no lençol. Seu rosto ficou branco de terror – puro, horrivelmente branco.

Não por medo da ira de Feyre e Rhysand.

Mas a ira daquele insuportável bruto illyriano.

Todos de alguma forma sabiam o que tinha acontecido durante a guerra; naquela batalha final contra Hybern.

Sabiam que Cassian quase sangrou defendendo-a contra o rei de Hybern, e que ela escolheu protegê-lo com seu corpo nesses últimos momentos.

Eles nunca haviam falado sobre isso.

Ela ainda mal falava com alguém sobre qualquer coisa, muito menos sobre a guerra.

No entanto, tanto quanto qualquer um estava agora preocupado, os eventos da última batalha os haviam ligado. Ela e Cassian. Não importava que ela mal pudesse ficar de pé em volta dele. Não importava o que ela tivera uma vez, há muito tempo, em um corpo mortal e em uma casa que não existia mais, quando deixou-o beijar sua garganta. Estar perto dele a fez querer quebrar as coisas.

Como o poder dela às vezes fazia, espontaneamente. Secretamente.

Nesta procurou no apartamento escuro e desorganizado, a depressão e a sujeira móveis que vieram com ela, as roupas e os pratos que ela deixou sem cuidados.

Rhysand ofereceu empregos. Posições importantes.

Ela não os queria.

Foram ofertas de pena, algumas em tentativa de fazer com que ela fizesse parte de sua vida, para ficar ocupada lucrativamente. Oferecidas não porque Rhysand gostava particularmente dela, mas porque ele amava muito Feyre. Não, o Grão-Senhor nunca gostou dela – e suas conversas eram friamente civilizadas na melhor das hipóteses.

Então, qualquer oferta, ela sabia, era feita para agradar sua parceira. Não porque Nesta era realmente necessária para tal. Verdadeiramente… queria.

Melhor gastar seu tempo do jeito que ela queria. Eles continuaram pagando por aquilo, afinal.

A batida na porta sacudiu todo o apartamento.

Ela olhou para a sala da frente, debatendo sobre fingir que tinha saído, mas… ele podia ouvi-la, cheirá-la.

E se Cassian arrombasse a porta, o que ele provavelmente faria, ela apenas teria a dor de cabeça de explicar isso ao seu senhorio mesquinho.

Então ela libertou as quatro fechaduras.

Trancá-los a cada noite fazia parte do ritual. Mesmo quando o macho sem nome tinha estado aqui, mesmo com o vinho, ela se lembrava de trancá-las todas as noites. Alguma memória muscular enterrada profundamente. Ela as instalou no primeiro dia em que ela chegou, meses e meses atrás, e tinha trancado todas as noites desde então.

Nesta abriu a porta o suficiente para espionar o sorriso arrogante de Cassian e deixou-a entreaberta enquanto ela voltava para seus sapatos.

Ele aceitou o convite não dito e entrou, com uma caneca de chá na mão – caneca, sem dúvida, emprestada da loja na esquina. Ou diretamente dada a ele, considerando como as pessoas tendiam a adorar o chão por onde suas botas enlameadas caminhavam.

Ele examinou a miséria e soltou um assobio baixo.

— Você sabe que poderia contratar uma empregada, não é?

Ela procurou seus sapatos na pequena área de estar – um sofá caído, uma lareira manchada de fuligem, uma poltrona comida pelas traças – depois a cozinha antiga e rachada, em seguida, traçou seus passos até seu quarto. Para onde ela tinha chutado eles na noite passada?

— Um pouco de ar fresco seria um bom começo —, acrescentou ele da outra sala, a janela gemendo quando ele, sem dúvida, abriu-a para deixar entrar a brisa de início do outono.

Ela encontrou os sapatos no canto oposto do quarto. Um cheirava a vinho derramado e ale.

Nesta se empoleirou na beira da cama, deslizando sobre os sapatos, puxando o laços. Ela não se incomodou em olhar para cima enquanto os passos firmes de Cassian se aproximavam, e então parassem no limiar.

Ele cheirou uma vez. Alto.

Dizia o suficiente.

— Eu esperava que você pelo menos trocasse os lençóis entre os visitantes, mas… aparentemente isso também não incomoda você.

Ela amarrou a renda no primeiro sapato e olhou para ele por baixo das sobrancelhas.

— Novamente, por que isso é da sua conta?

Ele encolheu os ombros, embora o aperto no rosto não refletisse isso.

— Se eu posso sentir o cheiro de outros machos diferentes aqui, então certamente seus… companheiros também podem.

— Não os impediu. — Ela amarrou o outro sapato, os olhos castanhos de Cassian acompanhando o movimento.

— Seu chá está ficando frio —, disse ele entre os dentes.

Ela o ignorou e levantou-se, procurando no quarto novamente. O casaco dela…

— Seu casaco está no chão perto da porta da frente — disse ele bruscamente. — E vai ser rápido, então leve um cachecol.

Ela também ignorou isso, mas passou por ele com cuidado para evitar tocá-lo, e encontrou seu casaco azul escuro exatamente onde ele disse que estava. Apenas há alguns dias atrás, o verão começou a ceder ao outono, drasticamente o suficiente para que ela precisasse usar um traje mais quente.

Nesta abriu a porta da frente, apontando para ele ir.

Cassian segurou seu olhar enquanto ele caminhava para ela, então estendeu um braço—

E arrancou o cachecol de cerúleo e creme que Elain lhe dera de aniversário na ultima primavera fora do gancho de latão na parede. Ele agarrou-a em seu punho enquanto ele saiu, o cachecol balançando como uma cobra estrangulada.

Algo estava incomodando ele. Normalmente, Cassian resistia um pouco mais antes de ceder ao seu temperamento. Talvez tivesse a ver com o que Feyre queria dizer a ela em sua casa.

Seu estômago embrulhou um pouco quando ela entrou no vestíbulo e trancou cada fechadura, incluindo a mágica que Feyre havia insistido que Rhys instalasse, ligada ao seu sangue e vontade.

Ela não era estúpida, ela sabia que havia agitação, tanto em Prythian quanto em outros continentes, desde o fim da guerra. Sabia que alguns territórios feéricos estavam empurrando seus novos limites sobre o que eles poderiam obter em termos de reivindicações do território e como eles trataram os humanos.

Mas se surgisse alguma nova ameaça…

Nesta expulsou o pensamento. Ela pensaria sobre isso quando a hora chegasse. Se a hora chegasse. Não adiantava desperdiçar sua energia em um medo fantasma.

As quatro fechaduras pareciam rir dela antes de seguir silenciosamente Cassian para fora do prédio e na movimentada cidade além.

***

A casa na ribeira era mais uma propriedade, e tão nova e limpa e bonita que

Nesta percebeu que estava vestindo roupas de dois dias, e não havia lavado o cabelo, e seus sapatos estavam realmente cobertos de vinho rançoso justamente quando ela caminhava através do imponente arco de mármore e no brilhante salão de frente colorido.

Uma escadaria ampla dividia o enorme espaço, de cada lado em forma de um par de asas abertas e um candelabro de vidro, formado após um aglomerado de estrelas cadentes caírem do teto esculpido para encontrá-lo. As luzes feéricas em cada esfera dourada projetavam reflexos cintilantes no piso de mármore branco polido, interrompido apenas por vasos de plantas, móveis de madeira também feito em Velaris e mais *arte arte arte*. Tapetes azuis felpudos quebraram os pisos perfeitos por um corredor longo que descia pelo corredor cavernoso em ambos os lados da entrada, e um fluindo diretamente sob as escadas – para o gramado inclinado e o reluzente rio além.

Ao lado de Cassian, Nesta se dirigiu para a esquerda – em direção às *salas formais para negócios*, Feyre disse a ela, durante a primeira e única turnê há dois meses atrás.

Ela estava meio bêbada na época e odiava cada segundo daquilo, de cada quarto perfeito e feliz.

A maioria dos machos comprava jóias escandalosas de presente de solstício para suas esposas.

Rhys havia comprado para Feyre um palácio.

Não, ele havia comprado a propriedade dizimada pela guerra e depois deu a sua parceira rédea livre para projetar a residência dos seus sonhos.

E de alguma forma, Nesta pensou enquanto silenciosamente seguia Cassian num silêncio anormal pelo corredor em direção a um dos aposentos cujas portas já estavam abertas, Feyre e Rhys conseguiram fazer este lugar parecer aconchegante, acolhedor.

Um gigante palácio, mas ainda um lar, de alguma forma.

Até os móveis formais, embora bonitos, pareciam projetados para conforto e descanso, para longas conversas com boa comida. Cada obra de arte tinha sido escolhida pela própria Feyre, ou pintada por ela, muitos deles retratos e representações deles – seus amigos, sua nova família.

Não havia uma dela, naturalmente.

Até mesmo o pai delas tinha uma foto aqui, com ele e Elain, sorrindo e feliz, como eles tinham estado antes que o mundo fosse para a merda.

Mas durante essa caminhada, Nesta notou a falta de si mesma aqui. Não disse nada, é claro, mas foi uma ausência pontiaguda.

Foi o suficiente para que apertasse os dentes quando Cassian escorregou para dentro do escritório e disse para quem estava dentro

— Ela está aqui —.

Nesta se preparou para o que quer que estivesse dentro, mas Feyre apenas riu e disse:

— Você está cinco minutos adiantado. Estou impressionada.

— Parece um bom começo de jogo. Devíamos ir para o Ritas, — Cassian

disse arrastado quando Nesta entrou na sala com painéis de madeira.
O estudo abria-se em um pátio de jardim, o espaço quente e alegre e rico, e Nesta poderia ter admitido que gostava do carvalho do chão ao teto, a estantes de livros, os móveis de veludo verde-claro diante da lareira de mármore pálido, se ela não tivesse visto quem estava sentado lá dentro.
Feyre empoleirou-se no sofá, vestindo um suéter de creme e leggings escuras.
Rhys, vestido com seu habitual preto, encostou-se à cornija de mármore, os braços cruzados.
E Amren, em seu habitual cinza – de pernas cruzadas na poltrona illyriana.
A lareira rugindo, aqueles olhos de prata erguidos varrendo Nesta com desagrado.
Muito havia mudado entre ela e a pequena dama, talvez mais do que qualquer outra relação.
Nesta não se deixou pensar naquele argumento na festa de final de verão na barcaça do rio. Ou o silêncio entre ela e Amren desde então.
Feyre, pelo menos, sorriu.
— Ouvi dizer que você teve uma boa noite.
Nesta apenas olhou entre Cassian, sentado na poltrona em frente a Amren, o lugar vazio no sofá ao lado de Feyre, e onde Rhys ficou na lareira.
Em roupas muito mais formais do que ele usava normalmente.
As roupas do Grão-Senhor.
Mesmo quando a Grã-Senhora da Corte Noturna estivesse em um traje adequado para relaxar no dia de outono ensolarado em torno deles.
Nesta manteve a coluna ereta, o queixo levantado, odiando que todos olhassem para ela. Como ela se sentou no sofá ao lado de sua irmã. Odiando que Rhys e Amren, sem dúvida, notavam os sapatos sujos, o odor de suas roupas velhas, e provavelmente ainda cheiravam aquele macho nela.
— Você parece horrível —, disse Amren.
Nesta não foi estúpida o suficiente para encarar.
Então ela simplesmente a ignorou.
— Embora seja difícil parecer bem — Amren continuou, — quando você fica fora até às horas mais escuras da noite, bebendo e fodendo qualquer coisa que vem em sua direção.
Feyre virou a cabeça para a Segunda-em-comando do Grão-Senhor. Mas Rhysand parecia inclinado a concordar com Amren.
Cassian, pelo menos, manteve a boca fechada, e antes que Feyre pudesse dizer alguma coisa para confirmar ou negar, Nesta os enfrentou e disse:
—Eu não sabia que minhas ações estavam sob os olhares físicos de sua jurisdição.
Cassian soltou um suspiro que soou como um aviso.
Os olhos de prata de Amren brilhavam, um pequeno remanescente do poder terrível que ela uma vez havia empunhado.
— Elas são quando você gasta muitas das nossas moedas de ouro em vinho e lixo.

Talvez ela tenha ido longe demais com a conta da noite anterior. Interessante.
Nesta olhou para Feyre, que estava estremecendo do outro lado do sofá.
— Você me fez vir até você para me dar uma bronca?
Os olhos de Feyre – os olhos que ambas compartilhavam – pareciam suavizar um pouco.
— Não. Esta não é uma bronca. — Ela lançou um olhar afiado para Rhys, ainda friamente silencioso, apoiado contra a lareira, e depois para Amren, fervendo em sua cadeira. — Pense nisso como uma… Conversa.
— Eu não vejo como minha vida é de sua preocupação, ou para qualquer tipo de conversa, — Nesta cuspiu, e atirou para seus pés.
— Sente-se —, Rhys rosnou.
E o comando cru nessa voz, o domínio e poder absolutos…
Nesta congelou, lutando contra isso, odiando aquela parte feérica que se curvava para tais coisas.
Cassian se inclinou para frente em sua cadeira, como se ele saltasse entre eles.
Mas Nesta segurou o olhar letal de Rhysand. Jogou cada grama de desafio que ela podia utilizar, mesmo que a ordem dele ainda a detivesse. Fez com que os joelhos quisessem se inclinar, sentar-se.
Rhys disse baixinho:
— Você vai se sentar. Você vai ouvir.
Ela soltou uma risada baixa.
— Você não é meu Grão-Senhor. Você não me dá ordens. — Mas ela sabia o quão poderoso ele era. Tinha visto, sentido. Ainda tremia ao estar perto dele. O Grão-Senhor mais poderoso da história.
Rhys sentiu esse medo. Ela sabia disso no segundo em que o lado de sua boca enrolou-se em um sorriso cruel.
— Isso é o suficiente —, disse Feyre, mais para Rhys do que para ela. E então realmente cortou seu parceiro, — eu lhe disse para ficar de fora.
Ele voltou os olhos salpicados de estrelas para Feyre, e foi tudo que Nesta pôde fazer para evitar cair no sofá enquanto seus joelhos cederam.
Feyre inclinou a cabeça para seu parceiro, as narinas dilatadas.
— Você pode sair —, ela sibilou para ele, — ou você pode ficar e manter a boca fechada.
Rhys apenas cruzou os braços. Mas não disse nada.
— Você também —, cuspiu Feyre na direção de Amren.
A pequena fêmea roncou e aninhou-se em sua cadeira.
Nesta não se incomodou em parecer agradecida quando Feyre se virou para encará-la. Sua irmã engoliu.
— Precisamos fazer algumas mudanças, Nesta —, disse Feyre com voz rouca.
— Você fazer e nós fazermos.
Eles estavam a expulsando. Jogando-a na natureza, talvez para voltar às terras humanas

— Eu vou levar a culpa —, continuou Feyre, — das coisas chegarem até aqui, e se tornarem esse mal. Depois da guerra, com tudo o mais que estava acontecendo, você… eu deveria estar lá para ajudar você, mas eu não estava, e estou pronta para admitir isso. Isso é parcialmente culpa minha.

— O que é sua culpa? —, Nesta exigiu.

— Você —, disse Cassian da poltrona a esquerda. — Esse comportamento de merda.

Sua espinha trancou, o fogo ferveu em suas veias com o insulto, a arrogância.

— Eu entendo como você está se sentindo —, interrompeu Feyre.

— Você não sabe nada sobre como estou me sentindo —, Nesta estalou.

— É hora de algumas mudanças. — Feyre avançou. — Começando agora.

— Mantenha essa sua besteira absurda fora da minha vida.

— Você não tem uma vida —, retrucou Feyre. — Você tem exatamente o oposto. E eu não vou me sentar e assistir você se destruir por nenhum segundo a mais.

— Oh?

Rhys ficou tenso com o sorriso, mas não disse nada, como ele prometeu.

— Eu quero você fora de Velaris —, Feyre respirou, sua voz tremendo.

Nesta tentou – tentou e falhou – não sentir o golpe, a picada das palavras.

Embora ela não soubesse porque estava surpresa com isso.

Não havia pinturas dela nesta casa, eles não a convidaram para festas ou jantares, eles certamente não a visitavam.

— E para onde —, Nesta perguntou, sua voz misericordiosamente gelada, — eu deveria ir?

Feyre apenas olhou para Cassian.

E pela primeira vez, o guerreiro illyriano não estava sorrindo quando disse:

— Você está vindo comigo para as montanhas illyrianas.